
Estudo fenomenológico sobre o tempo: a leitura de Heidegger sobre Aristóteles e Agostinho

Phenomenological Study of Time: Heidegger's Reading of Aristotle and Augustine

DOI: 10.12957/ek.2021.49555

André de Sousa Silva¹

Universidade do Porto
andressfil.pt@hotmail.com

RESUMO

O presente texto tem como principal objetivo analisar como Heidegger interpreta e avalia a noção de tempo nas obras de Aristóteles e Agostinho. Veremos, portanto, que Aristóteles considera o tempo como aquilo que surge junto ao movimento, ou seja, que surge no exterior do sujeito e assim pode ser observado. Agostinho por outro lado, corta o fio condutor da compreensão do tempo a partir dos fenômenos fora do observador, e aponta que o tempo é inerente à existência humana. Destarte, Heidegger apresenta a noção de tempo em Aristóteles como pré-científica, enquanto a visão de Agostinho se aproxima com maior acuidade de uma visada fenomenológica. Com efeito, ao apresentar e analisar o debate sobre o tempo nos referidos autores, possuímos como pano de fundo a gênese e a evolução do estudo sobre o tema nos primeiros anos de carreira de Heidegger (nomeadamente o período de Freiburg no início da década de 1920), apontando mesmo que de antevisão o caminho percorrido pelo filósofo até chegar à noção de temporalidade do ser-aí apresentada e profundamente debatida em sua obra capital, *Ser e tempo*.

Palavras-chave: Tempo. Temporalidade. Agora. Ser-aí. Ekstático.

ABSTRACT

This paper purpose is to analyze how Heidegger interprets and evaluates the notion of time in Aristotle and Augustine work's. As we shall see, Aristotle considers time as

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade do Porto.

something that appears with the movement. In other words what appears outside the observer and thus can be observed. Augustine, on the other hand, cuts the thread of understanding time as a phenomena outside the observer, and points out that time is inherent to human existence. Thus Heidegger presents Aristotle's notion of time as pre-scientific. While Augustine's notion approximate of a phenomenological view. As we present and analyse the debate about time in these authors, we have as background the genesis and evolution of the study of time in Heidegger's early years. (During his period in Freiburg in the early 1920s). Showing the path taken by him to conclude the notion of temporality of Dasein. Presented and debated in his main work *Being and Time*.

Keywords: Time. Temporality. Now. Dasein. Ekstatic.

Introdução

O debate sobre o tempo surge em vários pontos e a partir de várias modalidades ao longo da história da filosofia. Podemos apontar Aristóteles, Agostinho, Bergson, Kant, Hegel e Heidegger como principais pensadores a questionarem a natureza do tempo e - apresentarem respostas ao problema. Nosso trabalho possui como objetivo principal analisar a interpretação feita por Heidegger sobre o conceito de tempo nas obras de Aristóteles e Agostinho.

Com efeito o trabalho dividir-se-á em duas partes, a saber, apresentaremos brevemente os argumentos lançados por Aristóteles em sua *Física*, e os argumentos utilizados por Agostinho em suas *Confissões*. A segunda parte, por outro lado, tratará sobre a visão de Heidegger sobre os dois autores. Aqui nos é importante ressaltar algumas nuances que se apresentam ao longo do trabalho, mas que não são profundamente debatidas para não irmos muito além do escopo pretendido em nossa empreitada.

Os textos de Heidegger selecionados para o presente estudo datam do início da década de 1920. Estes textos foram escolhidos pois foi neste período que Heidegger inicia seus trabalhos como professor assistente na Universidade de Freiburg, desenvolvendo uma série de cursos e palestras com o objetivo de analisar a obra de autores canônicos da filosofia a partir da visada fenomenológica legada por Husserl.

É neste período, portanto, que Heidegger irá desenvolver os cursos sobre a filosofia de Aristóteles, e também os cursos sobre a visão fenomenológica da religião

cristã. Neste período nota-se claramente que Heidegger está ainda a desenvolver o núcleo de seu pensamento que irá culminar em *Ser e tempo*. A partir do estudo sobre o tempo podemos perceber que Heidegger apresenta gradualmente conceitos que mais tarde serão peças-chave para a compreensão do homem enquanto existência temporal.

Devemos assinalar, ainda, alguns conceitos que surgem na obra de Heidegger nesse período, e que podem representar a evolução de pensamento do autor. Em seu comentário crítico sobre a obra de Karl Jaspers *Psicologia das visões de mundo*, Heidegger apresenta o termo vida fática, que se refere à vivência de cada ser humano singular a partir de seu passado concreto: a facticidade.

Destarte, nos cursos sobre Aristóteles o termo vida fática passa a ter contornos mais amplos, e revela a necessidade do autor em compreender mais a fundo como temos a experiência do tempo e como essa experiência é o fundamento da existência humana. Com efeito, no texto *Os problemas fundamentais da fenomenologia* a vida fática é apresentada como temporalidade do ser-aí. A temporalidade é descrita a partir de suas partes (passado, presente e futuro) que são nomeadas por Heidegger como *Ekstasis* da temporalidade. A noção de que o ser-aí é um ente ekstático temporal está profundamente desenvolvida em *Ser e tempo* e se apresenta como uma das bases para a compreensão ontológica do ente que nós mesmos somos.

É importante também referenciar nesta breve introdução, que o estudo sobre o tempo a partir da obra de Heidegger pode ser visto e debatido a partir de dois pontos centrais: (1) a temporalidade do ser ele mesmo em seu acontecer (*Temporalität*) e (2) a temporalidade que é constituição ontológica do ser-aí (*Zeitlichkeit*). A *Temporalität* não é tema da obra de Heidegger em seu início, mas é sim amplamente debatida a partir da viragem em seu pensamento. Por outro lado, com o intuito de investigar o sentido de ser em geral, nosso filósofo questiona o ente que nós mesmos somos e com isso a investigação inicial de Heidegger sobre o tempo se concentra na *Zeitlichkeit*, que como dito acima é o tempo a partir da existência humana.

Esperamos demonstrar, portanto, que a leitura e as palestras sobre Aristóteles e Agostinho representam um momento fundamental para a construção do pensamento heideggeriano, evidenciando que o tempo pode ser investigado a partir de várias vias de pensamento, e que este não é unicamente um ente com o qual nos relacionamos no dia a dia, mas é parte constituinte da existência.

1 - O Conceito de Tempo

1.1 O tempo na Física de Aristóteles

O tempo ou a intuição do tempo é tema de investigação e debate desde o nascimento do pensamento filosófico ocidental. Apesar de os pensadores pré-socráticos não analisarem de forma direta o que é o tempo, este já se encontrava nas intuições primeiras como em Heráclito e sua descrição sobre a eclosão da *physis* entre os contrários, ou a exposição de Parmênides acerca da imobilidade do ser e da precedência do Uno em face ao múltiplo. Platão² apresenta sua contribuição a partir da obra *Timeu*, mas é Aristóteles que dedica real atenção ao que é o tempo em sua *Física*³. A questão do tempo no referido tratado sobre a *Physis* se encontra atrelada intimamente à questão do movimento. Aristóteles investiga a natureza do movimento e por conseguinte investiga a natureza do tempo como aquilo que surge junto ao movimento e assim é percebido. Para aprofundarmos neste debate será necessário trazer os passos lógicos utilizados por Aristóteles para chegarmos a definição de tempo em sua *Física*.

A primeira pergunta feita pelo Estagirita é: O tempo existe ou não existe? Nisto obviamente reside o questionamento ontológico sobre a natureza do tempo. Entretanto, como podemos afirmar com clareza que passado e futuro (partes do tempo) existem? O passado não é, pois é aquilo que já foi. E o futuro, por outro lado, ainda não é. Logo, o que nos sobra é o presente, o agora, no entanto, o tempo em si não pode ser reduzido única e simplesmente a uma sequência de agoras⁴.

Diante da aporia de investigar a natureza do tempo a partir de seus braços inexistentes (passado e futuro), Aristóteles busca compreender o tempo a partir do movimento e da mudança. Com isso o Estagirita lança mão de dois argumentos para demonstrar que o tempo não existe sem o movimento e, no entanto, não coincide em natureza com o próprio movimento. 1) Quando percebemos o movimento e a mudança, percebemos também o tempo. Utilizamos os termos rápido e devagar aos movimentos

² Cf.: Reis, José. Estudo Sobre o Tempo. *Revista Filosófica de Coimbra*, nº 9 1996

³ A partir do §10, Livro IV (217b 29 até 224a 16)

⁴ Cf.: Aristotle. *Physics*. J. Barnes (ed.) *Complete Works*, Princeton University Press, Princeton, N.J 1991

que são observados, e não ao tempo ele mesmo. O que passa depressa é o movimento e não o próprio tempo e, por demonstrarem atributos diferentes, o tempo não coincide com o movimento. 2) Somente percebemos o tempo se percebermos também a mudança e o movimento. Em um estado de sono profundo ou inconsciência sentimos a falta do tempo, uma vez que podemos conectar o antes e o depois, mas o intervalo não foi percebido. Em estados sem movimento ou mudança o tempo parece não passar, pois a mente não se apercebe dele. A consequência lógica aponta para que o tempo é dependente do movimento.

A partir deste ponto Aristóteles possui o pilar de sua investigação sobre o tempo, ao demonstrar sua íntima relação com o movimento. Sendo assim Aristóteles afirma que o tempo é percebido a partir de um ente que se desloca de um ponto A ao ponto B, que são respectivamente o antes e o depois: “Só apreendemos o tempo quando marcamos o movimento, marcando-o no antes e no depois; e é somente quando percebemos o antes e o depois em movimento que dizemos que o tempo passou.”⁵ (ARISTÓTELES, 1991, p. 70)

Ora, perceber o tempo a partir da mudança que ocorre entre o ponto A ao ponto B como antes e depois, significa para Aristóteles que o tempo é um modo de número, como aquilo que utilizamos para demarcar o ponto A e o ponto B, e também os seus intermediários. Assim, afirmar que o tempo é um tipo de número significa que o tempo é aquilo que pode ser contado e contabilizado em suas partes tendo em vista o antes e o depois. Nas palavras do Estagirita: “O tempo, então, é uma espécie de número (o número, devemos notar, é usado de duas maneiras - tanto do que é contado ou contável quanto daquilo com que contamos. O tempo, então, é o que é contado, não aquilo com o qual contamos (os números): esses são diferentes tipos de coisas.” (ARISTÓTELES, 1991, p. 70)

Aquilo que contamos como tempo junto ao movimento são os vários pontos pelo qual o ente que está em movimento percorre, ou seja, aquilo que é contado na experiência do tempo é uma sequência de agoras percorridos através do tempo. Não obstante o tempo é um contínuo contável a partir do agora, que se demonstra como uma unidade que nos

⁵ Tradução nossa. Todas as citações de Aristóteles são traduzidas a partir das obras completas com edição de J. Barnes.

permite contá-lo, assim como o número também estabelece os limites entre os numerais, ou uma nota estabelece os limites em uma escala musical.

Como foi dito anteriormente, o agora não demonstra a natureza do tempo ele mesmo, mas é parte dele. O agora para Aristóteles é a região limite entre passado e futuro, que conecta e diferencia ambas as partes do tempo que não existem.

O ‘agora’ é o elo do tempo, como já foi dito (pois conecta o tempo passado e futuro), e é um limite do tempo (pois é o início de um e o fim do outro). Mas isso não é óbvio como um ponto que é fixo e se divide potencialmente; à medida em que está dividindo o ‘agora’ é sempre diferente, e à medida em que conecta é sempre o mesmo, pois é como linhas matemáticas. Para o intelecto nem sempre é um e o mesmo ponto, pois é outro e outro quando se divide a linha; mas na medida em que é um, é o mesmo em todos os aspectos. Portanto, de uma forma o ‘agora’ é uma divisão potencial do tempo, e de outra, a terminação de ambas as partes e sua unidade. A divisão e a união são a mesma coisa e na mesma referência, mas em essência não são a mesma coisa. (ARISTÓTELES, 1991, p. 77)

Para Aristóteles o tempo é percebido junto ao movimento. E é uma espécie de número, pois é contado, e é contado a partir de sua unidade, que demonstra que o tempo é um contínuo que se manifesta a partir de diferentes agoras, mas que no entanto são sempre o mesmo.

Por fim o filósofo pergunta-se: o tempo está relacionado à alma? Para Aristóteles, se o tempo é uma espécie de número que é contado junto ao movimento, somente é possível haver o contado se houver alguém para contá-lo e, portanto, o tempo somente pode existir se a alma existir. Isto se encaramos o tempo como um atributo, ou aquilo que surge a partir do movimento que por sua vez pode ocorrer sem a existência da alma.⁶

A partir do que foi demonstrado podemos considerar, portanto, que o tempo em Aristóteles não possui um estatuto ontológico, mas este somente existe na medida em que a alma humana existe e é experienciado por ela. No entanto, faz-se notar também a forma calculativa própria do pensamento aristotélico, que demonstra uma análise do tempo enquanto aquilo que está disponível ou passível de ser contado. O que demonstra não erroneamente a base do pensamento científico. O que a princípio parece constituir uma aporia, a saber, considerar o tempo como ligado à alma, abre espaço para novas interpretações e avanços nas investigações a respeito da natureza do tempo.

⁶ Cf.: Aristotle. *Physics*. In J. Barnes (ed.) *Complete Works*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1991. P. 77 (223a, 22 - 223a, 28)

1.2 O tempo nas *Confissões* de Agostinho

Uma dessas investigações que trataremos a seguir é feita pelo Bispo de Hipona em sua obra *Confissões*. Agostinho não teve contato direto com toda a obra aristotélica, exceto por aquilo que foi legado a partir da educação e da tradição romana⁷. Não obstante os questionamentos levantados em suas *Confissões* conversam com as interpretações correntes de sua época. Poderemos observar que o argumento de Agostinho sobre a natureza do tempo apresenta similaridades e até mesmo contradiz diretamente argumentos utilizados por Aristóteles. De forma breve podemos considerar que o debate aproxima e distancia ambos os pensadores, enquanto Aristóteles descreve o tempo em sua relação com a alma, mas dependente do movimento, ou seja, com aquilo que está fora da alma⁸, Agostinho corta de vez o fio condutor de percepção do tempo com aquilo que está fora do sujeito, e o demonstra como atributo do espírito e não dependente do movimento. Com isso, serão apresentados a seguir os argumentos utilizados por Agostinho em sua definição do tempo.

O argumento central de Agostinho sobre o tempo se encontra no Livro XI parágrafo 15 de suas *Confissões*. O texto tem início com a exposição de Agostinho sobre a criação, a partir daí surge o debate sobre o tempo e aquilo que havia antes de Deus ter criado todas as coisas. Com isso identificamos que Agostinho trabalha inicialmente com duas noções de tempo: (1) o tempo que experienciamos e, (2) o tempo de Deus. A distinção básica entre estes é que o tempo que podemos experimentar foi criado e, por outro lado, para Deus não há tempo, pois este é eterno, e antes de Deus criar o mundo não havia tempo. Portanto, Deus é o artífice do tempo, e pensar o tempo anteriormente à criação é uma contradição. Nas palavras de Agostinho

E tu não precedes os tempos com o tempo: se assim fosse, não precederias todos os tempos. Mas precedes todos os pretéritos com a

⁷ “Até o século XII d.C., no que diz respeito às traduções e ao acesso às obras do Estagirita, o tratado *das Categorias* e o *Da interpretação* eram os únicos conhecidos na Idade Média latina” (SALES, 2018, p. 66)

⁸ Levando em consideração que nossa intenção aqui é demonstrar o argumento aristotélico para então percorrermos a interpretação heideggeriana do mesmo, não é mister aprofundarmos na discussão citada. No entanto comentadores modernos de Aristóteles descrevem o tempo como “uma dimensão inerente à representação intelectual do movimento”. Para esse debate Cf. REIS, 1996.

grandeza da tua eternidade sempre presente, e superas todos os futuros porque eles são futuros, e quando eles chegarem, serão pretéritos; tu, porém, és o mesmo e os teus anos não têm fim. Os teus anos não vão nem vêm: os nossos vão e vêm, para que todos venham. Os teus anos existem todos ao mesmo tempo, porque não passam, e os que vão não são excluídos pelos que vêm, porque não passam: enquanto os nossos só existirão todos, quando todos não existirem. Os teus anos são um só dia, e o teu dia não é todos os dias, mas um “hoje”, porque o teu dia de hoje não antecede o de amanhã; pois não sucede ao de ontem. O teu hoje é a eternidade: por isso, geraste co-eterno contigo aquele a quem disseste: Eu hoje te gerei. Tu fizeste todos os tempos e tu és antes de todos os tempos, e não houve tempo algum em que não havia tempo. (AGOSTINHO, 2001, p. 111)

A partir da noção de tempo dada em (1) Agostinho afirma que nossa percepção do tempo está atrelada a duração do tempo em face daquilo que esperamos. Em nosso dia a dia não nos preocupamos com os próximos cem anos, mas sim com o mês corrente, a semana, o dia e a hora. Esperamos pelo fim do mês ou o fim da semana; longo não é o tempo até o fim do mês, mas sim a espera. Em outras palavras, não dizemos se um determinado período de tempo é longo ou não unicamente a partir de sua duração, mas sim a partir da espera, ou seja, pela ânsia pelo futuro a partir do presente. Não obstante a duração do tempo está atrelada à sua experiência, e não apenas na contagem do mesmo.

Ao indagar-se sobre o tempo presente Agostinho chega a uma conclusão que nega a possibilidade do agora enquanto o contável do tempo, ou seja, aquilo que permite medir o tempo. Para Agostinho todo o tempo presente pode ser dividido sempre em partes menores. O agora é um instante fugaz que ao ser pronunciado, pensado ou contado se esvai. O agora é tão rápido que é impossível defini-lo como um ponto específico e, por esta razão, o agora ou o tempo presente não possui extensão. Como dito por Agostinho:

Se se puder conceber algum tempo que não seja susceptível de ser subdividido em nenhuma fração de tempo, ainda que a mais minúscula, esse é o único a que se pode chamar presente; mas este voa tão rapidamente do futuro para o passado que não se estende por nenhuma duração. Na verdade, se se estende, divide-se em passado e futuro: mas o presente não tem extensão alguma. (AGOSTINHO, 2001, p. 114)

A pergunta sobre como podemos contar o tempo se este não possui extensão alguma, é o passo que leva Agostinho a descrever o tempo intimamente ligado ao espírito e independente do movimento.

Uma vez que o presente não possui extensão Agostinho pergunta-se sobre a natureza do passado e do futuro, visto que estes parecem não ser e, no entanto, estamos

sempre a experienciá-los. Com isso o filósofo indica que o passado já não existe mais, mas é lembrado e dito a partir do presente. As memórias, segundo Agostinho, são como pegadas deixadas na alma a partir do tempo, e mesmo que estas já não existam mais em sua concretude, posso evocá-las, por assim dizer, e fazer permanecer no presente. O futuro ainda não é e não pode em absoluto ser conhecido, mas todas as nossas ações são fruto de uma premeditação, um intencionar para o futuro. Desta forma Agostinho abre caminho para compreendermos o passado e futuro não apenas como inexistentes, mas como aquilo que permanece no presente enquanto é lembrado ou projetado.

Ao destacar pontos inerentes ao passado e ao futuro, Agostinho questiona-se novamente sobre como podemos medir o tempo. Neste ponto Agostinho cita a tese de que o tempo é percebido junto ao movimento, tese que remonta à Aristóteles. O bispo de Hipona esclarece que não medimos o tempo única e exclusivamente quando percebemos o movimento, mas contamos também o repouso. Mesmo que alguém esteja em um quarto escuro sem se notar movimento algum, a mente pode recitar um poema, ou uma música, lembramo-nos a ponto de nos parecer tão vívido quanto a própria voz. Para além de nosso fluxo de pensamento o qual nos permite perceber o tempo sem o movimento, reparamos e dizemos também o repouso dos entes como, por exemplo, quando dizemos que aquele carro está parado já há tantas horas. Neste sentido não é necessário movimento ou mudança para que possamos notar o tempo, e assim Agostinho mais uma vez vai de encontro à noção de tempo aristotélica.

Dado que uma coisa é o movimento do corpo, outra aquilo com que medimos a sua duração, quem é que não percebe a qual destas coisas de preferência se deve chamar tempo? Na verdade, se o corpo umas vezes se move a um ritmo desigual, outras vezes está parado, medimos com o tempo, não só o seu movimento, mas também o seu repouso, e dizemos: ‘Esteve tanto tempo parado como em movimento’; ou: ‘Esteve parado o dobro ou o triplo do tempo em que esteve em movimento’; ou qualquer outra coisa que a nossa medição tenha compreendido ou avaliado, mais ou menos, como costuma dizer-se. (AGOSTINHO, 2001, p. 122)

Como visto anteriormente o tempo não pode ser medido a partir de uma sequência de agoras, uma vez que o presente não possui extensão. Não é unicamente o movimento que me permite perceber o tempo. Como então podemos medir o tempo? De acordo com Agostinho o tempo apesar de parecer não possuir extensão alguma, somente é possível pensá-lo enquanto algum tipo de extensão: “Daí que me tenha parecido que o

tempo não é outra coisa senão extensão; mas extensão de que coisa, não sei, e será surpreendente se não for uma extensão do próprio espírito.” (AGOSTINHO, 2001, p. 124)

Com isto nosso filósofo chega à conclusão de que o tempo somente pode ser uma extensão do próprio espírito, e não do movimento ou a mudança. Como destacado inicialmente, enquanto Aristóteles apresenta o tempo ligado ao movimento e ao mundo exterior à alma que o experiencia, Agostinho corta o fio condutor com a realidade exterior à alma e demonstra o tempo como uma extensão do espírito. Ao medirmos o tempo, não medimos outra coisa senão o próprio espírito:

Em ti, ó meu espírito, meço os tempos. Não me perturbes, ou melhor: não te perturbes com a multidão das tuas impressões. Em ti, repito, meço os tempos. Meço a impressão que as coisas, ao passarem, gravam em ti e que em ti permanece quando elas tiverem passado, e meço-a, enquanto presente, e não as coisas que passaram, de forma a que essa impressão ficasse gravada; meço-a, quando meço os tempos. (AGOSTINHO, 2001, p. 125)

Com efeito Agostinho dirá que somente conseguimos medir o tempo, seja ele o presente o passado e o futuro, pois o espírito possui três operações: A expectativa, a atenção e a memória. O tempo é percebido por nós pois estamos sempre à espera de um futuro, a partir da atenção do presente, tendo em consideração as memórias do passado.

Mas como diminui ou se extingue o futuro que ainda não existe, ou como cresce o passado que já não existe, senão porque no espírito, que faz isso, há três operações: a expectativa, a atenção e a memória? Desta forma, aquilo que é objecto da expectativa passa, através daquilo que é objecto da atenção, para aquilo que é objecto da memória. Por conseguinte, quem nega que as coisas futuras ainda não existem? E, todavia, já existe, no espírito, a expectativa das coisas futuras. E quem nega que as coisas passadas já não existem? E, todavia, ainda existe, no espírito, a memória das coisas passadas. E quem nega que o tempo presente não tem extensão, porque passa num instante? E, todavia, perdura a atenção, através da qual tende a estar ausente aquilo que estará presente. (AGOSTINHO, 2001, p. 126)

Esta passagem citada acima nos é de fundamental importância, porque demonstra como Agostinho já possuía as intuições para compreender o tempo a partir de um fluxo da consciência. Husserl, fundador da fenomenologia utiliza os termos projeção, protensão e retenção, para descrever como o fenômeno é percebido pela consciência a partir do tempo⁹. Por exemplo, se escuto soar a primeira nota de uma música conhecida, sei quais

⁹ Cf. CERBONE, 2013.

notas esperar a seguir, enquanto retenho em mim as notas passadas. Na experiência do fenômeno nunca observamos somente o presente, mas sim o futuro enquanto expectativa e o passado enquanto memória.

2 - A interpretação heideggeriana do tempo em Aristóteles e Agostinho

Aristóteles e Agostinho chegam a conclusões diversas sobre a natureza do tempo. No entanto, merece notar que mesmo sem acesso direto à obra aristotélica, Agostinho é capaz de contra-argumentar pressupostos básicos descritos na *Física*. Isso demonstra como a tese aristotélica era a corrente e usual na cultura ocidental. Heidegger dedica grande parte de seu esforço filosófico em um debate direto com a tradição. Em uma espécie de desmonte da metafísica, o filósofo busca as origens dos conceitos e dos argumentos, e procura remontar a partir de sua obra o acontecer do ser que tornou possível todo desenrolar do pensamento metafísico.

O diálogo com Aristóteles e Agostinho está presente em várias obras e cursos do conjunto do pensamento de Heidegger, no entanto faz-se notar que a maior proximidade que Heidegger tivera com esses autores e suas respectivas obras correspondem à década de 1920¹⁰, na qual o filósofo inicia sua carreira em Freiburg e escreve os primeiros trabalhos que apontam para a direção de *Ser e tempo*. Apesar de o estudo sobre Agostinho revelar as bases do pensamento que dão origem a analítica existencial, Heidegger dá mais atenção à leitura e escrita sobre a obra de Aristóteles, dado que esta fornece, juntamente com Platão, as bases da metafísica¹¹. Neste sentido nossa abordagem será integralmente dedicada a estes textos, revelando assim como Heidegger pensa o tempo no início de sua carreira e como a leitura de Aristóteles e Agostinho contribuíram para o surgimento das análises expostas na analítica existencial de *Ser e tempo*.

¹⁰ Sobre os textos da década de 1920 destacamos as seguintes obras das Edições Completas (Gesamtausgabe). Sobre Aristóteles: GA 58 *Grundprobleme der Phänomenologie* (1919/20); GA 61 *Phänomenologische Interpretationen zu Aristoteles* (1921/22); GA 62 *Phänomenologische Interpretationen ausgewählter Abhandlungen des Aristoteles zu Ontologie und Logik* (1922). Sobre Agostinho: GA 60 *Phänomenologie des religiösen Lebens* – especificamente o texto Agostinho e o Neoplatonismo (1920/21) e GA 64 *Der Begriff der Zeit* (1924).

¹¹ Cf. BLANC, 2014, p. 113.

Não é nosso objetivo aqui evidenciar todos os caracteres da interpretação heideggeriana sobre o tempo nos referidos autores, mas sim evidenciar argumentos pilares que Heidegger utilizará para interpretar Aristóteles no contexto da metafísica ocidental, e Agostinho como pensador ainda metafísico, mas que amplia os horizontes dados por Aristóteles para compreendermos o tempo em suas bases fenomenológicas. Com isso nosso primeiro passo nesta parte do trabalho será levantar algumas questões referentes ao entendimento do tempo em Aristóteles para a seguir contemplarmos o movimento histórico e hermenêutico que o tempo pensado em Agostinho oferece.

O maior debate entre Heidegger e Aristóteles sobre o tempo encontra-se no texto GA 58 *Grundprobleme der Phänomenologie* (1919/20), mais especificamente no §19 sobre tempo e temporalidade. Nesse parágrafo Heidegger apresenta brevemente os argumentos aristotélicos sobre o tempo e logo em seguida oferece uma leitura fenomenológica sobre o mesmo.

Segundo Heidegger a visão aristotélica sobre o tempo representa uma compreensão vulgar e pré-científica do mesmo. Isto se deve pois Aristóteles orienta sua investigação para o fenômeno do tempo somente enquanto este permanece presente à vista, como um ente do qual me ocupo. A tese aristotélica desconsidera o passado e o futuro, pois estes não se apresentam mais, e logo o que efetivamente me revela o tempo é o agora. O agora é o *quanta* do tempo que me permite contá-lo. A noção do tempo enquanto um fluxo contável que está presente à vista é ainda a base da compreensão do tempo na ciência moderna¹². Apesar dos esforços dos físicos contemporâneos em compreender o tempo, este continua como uma grandeza que pode ser contada e matematizada. Neste ínterim, o pensamento da física sobre o tempo continua sendo: não sei qual a sua natureza, no entanto posso contá-lo com exatidão.

Assim Heidegger irá destacar como a compreensão do tempo enquanto uma sequência contável de agoras, pode ser traduzida na relação que fazemos entre o tempo e o relógio, que está sempre a me apontar que horas são, ou seja, o *quanta* do tempo que o agora representa. Segundo Heidegger:

A homogeneização é uma equiparação do tempo ao espaço, à presença absoluta; a tendência de obrigar o tempo a sair de si e avançar para um presente. Completamente matematizado, o tempo torna-se coordenada *t*, ao lado de coordenadas *x*, *y* e *z*. Não é reversível – o que constitui uma referência única ao tempo que se opõe a matematização definitiva. (...)

¹² Cf. HEIDEGGER, 2012, p. 396.

Uma vez definido o tempo como tempo do relógio, já nunca mais se poderá ter a esperança de alcançar o seu sentido originário. (HEIDEGGER, 2003, p. 63)

Em busca da compreensão do sentido originário de tempo, Heidegger irá desenvolver uma breve análise fenomenológica a respeito do agora e demonstrar que as análises aristotélica e científicas não se atentam para caracteres específicos do agora, a saber, a significância, a databilidade e o tensionamento.¹³

Fenomenologicamente o que Heidegger aponta como significância é o fato de cada agora representar um momento certo ou errado para se realizar algo. O agora é dotado de significância a medida em que lido com o tempo a partir de momentos os quais realizo ou não uma tarefa, como dormir, almoçar, etc. A significância revela, portanto, o tempo do mundo que preenche de significados cada agora que se apresenta no fluxo contínuo do tempo. A databilidade surge à medida em que cada agora possui sua significância e esta é retida ou lembrada no fluxo temporal. A databilidade mostra que o agora não perdura unicamente no momento limítrofe entre passado e futuro, mas ele possui a característica de ser datável e com isso se tornar história.

Por fim o tensionamento é a prova lógica a qual Heidegger utiliza para concordar com Agostinho na tese de que o agora não possui extensão. Para ser mais exato, a interpretação de Heidegger aponta que o agora possui extensão, mas esta extensão é sempre tensionada em virtude da forma com a qual apreendemos o tempo. O agora pode se estender e ser uma quantidade de tempo maior ou menor conforme a situação a qual nos encontramos. Neste sentido o agora nunca possui uma extensão previamente definida que me permite conferir a ele um estatuto de *quanta* ou unidade que pode ser contada e medida, mas sim uma extensão tensionada e não exata.

Todas as três características do agora citadas por Heidegger são também públicas, ou seja, mostram que o tempo está sempre atrelado ao ser-com-os-outros. A significância, a databilidade e o tensionamento não se apresentam unicamente em um ou alguns indivíduos, mas são compartilhadas por cada ser-aí a medida em que existem no tempo. “A acessibilidade do agora para qualquer um, sem alterar em nada a datação diversa, caracteriza o tempo como público. O tempo, com o qual contamos no sentido mais amplo

¹³ Cf. HEIDEGGER, 2012, p. 385.

de contar, é datado, tensionado, público e tem o caráter de significância, isto é, ele pertence ao próprio mundo.” (HEIDEGGER, 2012, p. 384)

Uma vez que descrevemos brevemente como Heidegger problematiza a questão do agora enquanto unidade limítrofe do tempo, podemos nos atentar ao modo com o qual lidamos cotidianamente com o relógio. De acordo com o nosso filósofo nossa relação com o relógio não se dá unicamente em uma contagem do tempo por si mesmo. Ao olhar para o relógio não busco saber se são uma hora da tarde, mas busco saber se já é hora do almoço. Aqui surge a significância, mas ela mesma não me revela o que procuro quando olho para o relógio. Nossa vida cotidiana com o relógio é sempre em vistas ao tempo para realizar alguma tarefa, se tenho tempo para responder o e-mail, se não tenho tempo para ir ao cinema ou me ocupar do lazer. O relógio não me oferece o tempo ele mesmo, não me oferece a significância em si mesma, mas oferece a ocupação cotidiana, ou seja, revela que buscamos cuidar e nos ocupar de nossa própria existência e não do tempo.

Ao lidarmos com o tempo no cotidiano estamos sempre a intencionar algo, ou seja, a esperar algo, a partir de um agora tensionado, e que me mantém também aquilo que já me passou, ou seja, a partir daquilo que está retido em mim como memória. Isto é expresso por nós no cotidiano, revelando que o tempo é sempre atrelado a esperar algo em vistas de outra coisa que já é passado. Exemplificando, quando dizemos: “Mais tarde às nove irei jantar”, [indica] uma vez que mais cedo já concluí meu trabalho. A expectativa do futuro e a memória do passado revelam que fenomenologicamente nunca lidamos unicamente com o agora, mas estamos sempre em trânsito entre passado, futuro e presente.

É nesse ponto que a análise heideggeriana sobre o tempo revela suas fontes no pensamento de Agostinho, pois ao demonstrar que o tempo visado em Aristóteles se configura como o tempo pré-científico e vulgar, Heidegger irá descrever o tempo a partir da forma como o ser-aí existe no tempo. Apesar de considerar que a noção agostiniana sobre o tempo é metafísica e possui raízes em Aristóteles, podemos notar como Heidegger se aproxima da visão de Agostinho a partir de seu conceito de temporalidade de ser-aí. Assim: “Comparativamente, as investigações de Aristóteles são por um lado conceitualmente mais rigorosas e mais fortes, enquanto Agostinho vê por outro lado de maneira mais originária algumas dimensões do fenômeno do tempo.” (HEIDEGGER, 2012, p. 388)

Ora, as dimensões do tempo que Agostinho conseguiu ver com maior acuidade podem ser descritas resumidamente em um pequeno parágrafo das *Confissões* (XXVIII 37). Retomando o argumento de Agostinho, o tempo é extensão do próprio espírito, e portanto passado e futuro existem a medida em que se presentificam a partir de minha intencionalidade. Como a medição do tempo é a medida do próprio espírito, medimos o tempo a partir da expectativa, retenção e atenção ao presente. “Portanto, não é longo o tempo futuro, por que não existe, mas um futuro longo é uma longa espera do futuro, nem é longo o tempo passado, porque não existe, mas um passado longo é uma longa memória do passado” (AGOSTINHO, 2001, p. 126). Essa forma de compreender o passado e futuro não mais como inexistentes, mas existentes enquanto um intencional algo ou reter algo na memória é a base para Heidegger descrever o que ele chamou de momentos ekstáticos da temporalidade. Claro que não podemos negar aqui a influência de Husserl e sua fenomenologia, que já possuía o mesmo debate sobre a percepção do tempo, e que constitui os movimentos primeiros do pensamento heideggeriano. Não obstante é mister mostrar como a visão de Agostinho subjaz na base, mesmo que como uma visão pré-ontológica da temporalidade do ser-aí.

A temporalidade do ser-aí pode ser descrita conforme o trânsito temporal que a existência possui, ou seja, ser-aí no tempo significa ter em questão o passado, e com isso projetar-se ao futuro, intencionando algo. O ter em conta o passado e o intencionar o futuro acontecem sempre a partir da abertura do presente. O ser-aí é o ente capaz de transitar no tempo, pois é capaz de reter os acontecimentos passados em sua memória¹⁴, projetar-se ao futuro, sempre a partir de um presente. Com efeito, o tempo enquanto temporalidade não se resume ao agora (o que se presentifica e permanece presente à vista), mas é a unidade entre passado, presente e futuro que se temporaliza à medida em que o ser-aí existe.

¹⁴ Os estudos de Heidegger sobre a memória em Agostinho representam peça fundamental para compreendermos o conceito de “vida fática”, que em linhas gerais representa o proto-conceito de temporalidade que posteriormente é desenvolvido em *Ser e tempo*. Sobre o estudo da memória em Agostinho. Cf. *GA Phänomenologie des religiösen Lebens* (1920/21). Sobre o termo vida fática Cf.: *GA Phänomenologische Interpretationen zu Aristoteles* (1921/22); e *Critical Comments on Karl Jaspers's Psychology of worldviews*. In: *Becoming Heidegger: On the trail of his early occasional writings*

Os três momentos constitutivos da temporalidade, passado, presente e futuro, são chamadas por Heidegger de *ekstases*, e como o ser-aí é deslocado entre as ekstases o chamamos então de ekstático:

A temporalidade como unidade de futuro, ter sido e presente não desloca o ser-aí por vezes e ocasionalmente, mas ela mesmo como temporalidade é o fora-de-si originário, o *εκστατικόν*. Designamos este caráter de deslocamento terminologicamente como caráter ekstático do tempo. O tempo não é deslocado anteriormente e casualmente uma vez, mas o futuro é em si mesmo como deslocado em-direção-a, isto é, ekstaticamente. O mesmo vale para o ter sido e para o presente. Por isso, denominamos o futuro, o ter sido e o presente as três ekstases da temporalidade, que se copertencem de maneira cooriginária. (HEIDEGGER, 2012, p. 388)

Com isso, dizer que a existência é ekstática significa dizer que o ser-aí é o ente que transita pelo tempo, deslocado entre passado enquanto memória e futuro enquanto projeto. É importante aqui relembrarmos que Heidegger salienta ao longo de sua obra, duas formas possíveis de pensar o tempo, uma enquanto a temporalidade do ser ele mesmo (*Temporalität*) e o tempo enquanto fundamento ontológico do ser-aí (*Zeitlichkeit*). O sentido buscado por Heidegger no início de seus estudos é claramente a *Zeitlichkeit*, que revela os fundamentos ontológicos do tempo enquanto tempo percebido pela consciência e vivido pela existência.

Com isso Heidegger afirma que a intencionalidade (categoria fundamental da consciência para a Fenomenologia), somente é possível pois o ser-aí é ekstático temporal: “O ser-aí só é intencional porque ele é determinado em sua essência pela temporalidade” (HEIDEGGER, 2012, p. 389). A noção de que o ser-aí é o ente que possui a abertura para compreensão do sentido de ser vai se tornando clara, a medida em que Heidegger descreve caracteres ontológicos fundamentais da existência. Neste íterim os estudos primeiros de Heidegger podem ser traduzidos como um esforço em trazer o tempo à sua experiência ela mesma, evidenciando que aquilo que chamamos de tempo que é contado no relógio, nada mais é do que uma visão pré-ontológica sobre a temporalidade ela mesma.

É neste contexto que Heidegger diz que Agostinho foi mais a fundo e de maneira mais originária, pois sobre o tempo Agostinho possui sua famosa frase: “O que é, pois, o tempo? Se ninguém mo pergunta, sei o que é; mas se quero explicá-lo a quem mo pergunta, não sei” (AGOSTINHO, 2001, p. 111). Essa frase esclarece que apesar de não sabermos conceitualmente o que é o tempo nos apercebemos dele, e no entanto ele nunca

é como algo presente a vista. A inquietação de Agostinho e o reconhecimento do tempo enquanto o espírito revelam, mesmo que de antevisão, a temporalidade ela mesma.

Conclusão

Nosso objetivo neste estudo foi mostrar o debate e as influências de Aristóteles e Agostinho nos primeiros anos de carreira de Heidegger. Durante os seminários e palestras de Freiburg e guiado pela visada fenomenológica, nosso autor propõe um estudo sério e metódico sobre a tradição, focando muitas vezes no pensamento aristotélico. Não obstante, o contato com o pensamento de Agostinho já se anuncia desde muito cedo na vida acadêmica de Heidegger, visto seu contato com a teologia cristã e todo o seu pensamento. É durante a década de 1920 que Heidegger irá estabelecer as bases de sua obra prima, bem como de todo seu pensamento filosófico.

A questão sobre o sentido do ser em geral, e a percepção do ser enquanto um acontecer revelam a necessidade intrínseca do pensamento heideggeriano em investigar o tempo ele mesmo. De um lado, observamos que Aristóteles concede as bases pré-científicas para a compreensão do tempo, mas é em Agostinho que encontramos as bases fenomenológicas para a compreensão do mesmo.

Ao descrever o ser-aí ekstático temporal Heidegger aponta para os momentos constitutivos originários do ente que nós mesmos somos. O ser-aí enquanto ente intratemporal é ele mesmo a temporalidade, ou seja, ao existir transita entre as três ekstásis temporais. A intencionalidade somente é possível graças a esse movimento de trânsito no tempo. Com nosso estudo buscamos evidenciar, portanto, como o diálogo com a tradição traz os elementos que Heidegger busca para questionar o ser em seu sentido originário.

A evolução de pensamento nos primeiros escritos de Heidegger se evidencia a medida em que os conceitos se tornam cada vez mais completos em sua descrição fenomenológica, assim a vida fática e a temporalidade ekstático-horizontal são fruto do debate direto com a tradição e que se tornam as bases para a compreensão da existência no pensamento filosófico no Séc. XX.

Referências bibliográficas

- AGOSTINHO. *Confissões*. Livros VII, X e XI. Covilhã: Universidade Beira do Interior, 2001.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Giovanni Reale (Trad.). São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- ARISTOTLE. Physics. In: BARNES, J. (ed.) *Complete Works*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1991.
- BLANC, M. A interpretação heideggeriana de Aristóteles. *Revista Filosófica de Coimbra*, nº 47, p. 111-122, 2014.
- CERBONE, D. *Fenomenologia*. Petrópolis, RJ: Vozes 2013.
- HEIDEGGER, M. *Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- _____. *O conceito de tempo*. Prólogo, tradução e notas de Irene Borges-Duarte. Lisboa: Fim de Século, 2003.
- _____. *Ontologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012 (a).
- _____. *Os problemas fundamentais da fenomenologia*. Petrópolis RJ: Vozes, 2012 (b).
- _____. *Ser e tempo*. Fausto Castilho (Trad.). Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- _____. *The History of the Concept of Time*. Trad. Theodore Kiesel. Bloomington: Indiana University Press, 1985.
- KIESEL, T.; SHEEHAN, T. (ed.). *Becoming Heidegger: On the Trail of His Early Occasional Writings, 1910-1927*. Seattle: Northwestern University Press, 2007.
- REIS, J. Estudo sobre o tempo. *Revista Filosófica de Coimbra*, nº 9, p. 143-203, 1996.
- SALES, A. P. O “aristotelismo agostiniano”, através da lógica aplicada ao método teológico. *Revista INSTANTE*, V.1, N.1, p. 132-148, jul.-dez/2018.
-

Recebido em: 26/03/2020 | Aprovado em: 26/01/2021